

# UMA INTERPRETAÇÃO SOCIOESPACIAL: PRAÇA UNIVERSITÁRIA GOIÂNIA-GOIÁS-BRASIL

Márcia Cristina Hizim Pelá<sup>1</sup>  
Eguimar Felício Chaveiro<sup>2</sup>

## RESUMO

O trabalho que ora apresenta é fruto do projeto de pesquisa e extensão Cultura e Arte na Rua, realizado pelo Laboter – Laboratório de Estudos e Pesquisas de Dinâmicas Territoriais do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás e da ONG Cultura, Cidade e Arte, que tem como objetivo principal identificar o processo de ocupação e apropriação de alguns espaços públicos e históricos de Goiânia-GO/Brazil. Inicialmente, o espaço pesquisado foi a Praça Universitária - Goiânia, que é o tema central deste trabalho. Apresenta a proposta que os espaços públicos, como é o caso da Praça Universitária, são fruto das relações humanas, que, por conseguinte, espelham as histórias de vida, de seus frequentadores, na espacialidade. Propõe a leitura do espaço: a partir da paisagem, da representação social e do evento como possibilidade de construir um olhar integrado (material e imaterial), não capturado pelas “máscaras sociais”. Discorre sobre como as práticas socioculturais interagem e interferem no processo de ocupação e apropriação da Praça Universitária nas últimas três décadas e, em consequência, transforma a Praça em um espaço urbano que abarca múltiplos territórios e múltiplas funções, conforme o período histórico, as necessidades políticas, econômicas, socioculturais e espaciais das pessoas e da sociedade. **PALAVRAS-CHAVE:** Práticas Socioculturais, Dinâmica Socioespacial, Praça Universitária de Goiânia.

## Introdução

É frequente encontrarmos pesquisas com diferentes abordagens sobre os espaços públicos. Não apenas o material, tanto a sua estrutura e forma, é tido como essencial para ler esses espaços, mas também o imaterial que, segundo Chaveiro (2007), age na materialidade da cidade e é substância criadora.

Portanto, é necessário trabalhar a partir de diferentes ângulos; perceber que, através da paisagem e da representação social, pode-se identificar e caracterizar os lugares, num processo seletivo quanto ao afeto e às práticas socioculturais. Ou seja, não é o lugar em si que atrai ou retrai, mas as práticas socioculturais, muitas vezes egocêntrica e seletiva (também ideológica), que apontam o que se deseja como “nosso lugar”.

---

1 Mestre em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais UFG; Presidente da ONG Cultura, Cidade e Arte - Brasil. marciarhmt3@terra.com.br.

2 Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro. Instituto de Estudos Sócio-ambientais. UFG. Editor da Revista eletrônica Ateliê Geográfico; Membro da Sociedade Sócio-ambientalista Jacarandá da Pedra.-Brasil. eguimar@hotmail.com.

Assim, compreender os lugares como espaço pertencente a vários grupos sociais é poder afirmá-lo como um espaço múltiplo e sobreposto que se encontra em constante disputa territorial. Os códigos identitários presentes em cada grupo impõem territorialmente suas expressões e seus modos de vida e o produto dessa ação é a criação de territórios nos espaços públicos, os quais a sociedade, em geral, acaba por reconhecer, aceitar ou resistir às essas práticas.

Nesse contexto, é importante entender como a cidade pode nos oferecer elementos para uma análise integrada e mais próxima de realidades existentes no cotidiano desses espaços. Assim indagamos: como identificar a incidência das práticas socioculturais, material e imaterial, na feição e no conteúdo dos espaços públicos?

Para compreender esses questionamentos é necessário romper com o modo fragmentado de pensar os espaços urbanos, o que leva à construção de um olhar socioespacial que permite deparar com o local e o global, com as contradições entre norma e vida, com as interferências das práticas socioculturais no planejamento urbano. Enfim, possibilita uma análise integrada em que teoria e prática, razão e percepção, se complementam, na busca de compreender a construção socioespacial destes espaços públicos. Neste caso especificamente da Praça Universitária, Goiânia-Goiás-Brasil. E é sobre isso que discorreremos a seguir.

### **Olhar integrado: uma metodologia para leitura socioespacial.**

O espaço é produto social e que, ao mesmo tempo, torna-se (re) produtor da sociedade. Por isso, *está possuído de símbolos e afetividades atribuídos pelas pessoas* (Almeida, 2003, p.71). Isso contribui, segundo Claval (2002), para a reflexão mais avançada acerca das atividades da ação humana sobre os mecanismos em movimento na vida social e, simultaneamente, possibilita reconhecer a existência de diversas lógicas em funcionamento nas ações coletivas.

A forma e o modo de ocupação e de não-ocupação dos espaços urbanos pelos grupos sociais nem sempre são caracterizados pelas necessidades de uso ou pelo valor material; há (...) *muito mais coisas determinando nossas vivências do espaço que o “capital”* (Massey, 2000, p.179). A ocupação também acontece por meio das relações afetivas, culturais, históricas e/ou educativas, ou seja, pelo sentimento de pertencimento, o valor imaterial.

Sendo assim, a leitura da relação dialética entre o espaço e as ações sociais deve transcender as amarras da modernidade. Regida por uma ideologia e, conseqüentemente, por uma prática em que o racionalismo predominava, a modernidade ficou caracterizada, segundo alguns pesquisadores e estudiosos, como o período da fragmentação do conhecimento, que trouxe o rigor e a objetividade em forma de disciplinas e/ou especializações (HISSA/GERARDI, 2001; MOREIRA, 2000).

Tais características – além de fragmentar o conhecimento, o saber e, sobretudo, o olhar do pesquisador – criaram, ao longo das últimas décadas, posturas antagônicas que promoveram rupturas entre natureza e sociedade, prática e teoria, pesquisa e ensino, ciência e arte, razão e sensibilidade. Sobre este assunto, Harvey (1998) dissecou:

Se a vida moderna está de fato tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente, há algumas profundas conseqüências. Para começar, a modernidade não pode respeitar sequer o seu próprio passado, para não falar de qualquer ordem social pré-moderna. A transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica. Se há algum sentido na história, há que defini-lo a partir de dentro do turbilhão da mudança, um turbilhão que afeta tanto os termos de discussão como o que está sendo discutido. (HARVEY, 1998 p. 22).

Esta conjectura guiou a implantação da pesquisa e instigou realizar uma leitura da construção socioespacial da Praça Universitária a partir do material e do imaterial, de um olhar abrangente sobre o espaço, de natureza transdisciplinar, buscando enxergar além das fronteiras impostas pela fragmentação entre o físico e o humano e entre a natureza e a sociedade.

É preciso compreender que existem múltiplas forças que levam à criação dos espaços urbanos e que as formas de apropriações, seu uso e desuso, constituem diferentes territórios. Nesse sentido, o espaço urbano se revela ser mais que um palco onde se manifestam as relações humanas. Ele se transforma em território constantemente disputado<sup>3</sup> por diversos grupos sociais que misturam suas territorialidades na estrutura deste espaço, constituindo elementos sociais que se cristalizam no tempo e no espaço.

---

3 O conceito de território disputado pode ser entendido a partir de Haesbaert, quando afirma que “[...] o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Sendo assim, o território seria o resultado do entrecruzamento de múltiplas relações de poder, sejam aquelas mais diretamente ligadas a fatores econômicos-políticos, isto é, de ordem mais material, sejam aquelas relacionadas às questões de caráter mais cultural, com ênfase no poder simbólico”.(HAESBAERT 2002, p.121).

Sendo assim, as categorias de análise têm um papel fundamental, visto que é a partir delas que podemos expandir a análise do objeto em estudo. Por isso, é que neste trabalho optamos por utilizar a representação social e a paisagem.

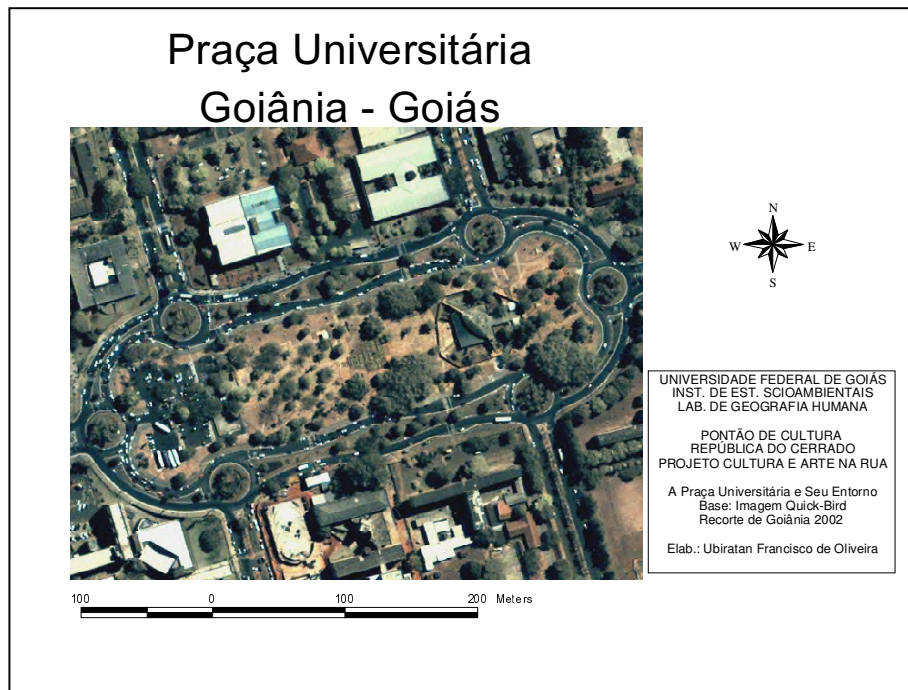
Por meio da representação social é possível investigar as diversas e diferentes vozes afônicas de atores invisíveis que construíram e ainda constroem a história socioespacial da Praça Universitária. Para Jovchelovitch (2000, p.41) as representações sociais, simbolizam, “por excelência, o espaço do sujeito social, [que luta] para dar sentido, interpretar e construir o mundo em que ele se encontra”. Sendo assim, esta categoria de análise permitiu compreender a contradição entre o oficial e o real, a norma e a vida.

Já a paisagem, que segundo Santos (2002) representa as ações humanas cristalizadas no espaço, possibilita descrever e identificar, na morfologia espacial da área em estudo, as cores, os cheiros, as vozes, os olhares, enfim, a vida que pulsa e que, muitas vezes, está encoberta pela fumaça refinada da contemporaneidade. Fumaça que, se não formos observadores atentos, pode levar à cegueira e impossibilitar a visão de um espaço que abriga vários territórios e, conseqüentemente, múltiplas funções de uso e de ocupação.

Estes preceitos aliados ao entendimento que o espaço se define segundo uma multiplicidade de conceitos que interagem na e com a forma, como se ela tivesse corpo e afetividade nos possibilitou compreender que a Praça Universitária, nestes últimos 39 anos, abrigou e ainda abriga diversos e diferentes eventos, que influenciaram e ainda influenciam na sua forma, sua representatividade, sua função, em suma, fazem parte de sua construção histórica e socioespacial. Entender como e porque acontece este processo é o que pretendemos a seguir.

### **Praça Universitária tecida na norma e vida**

A Praça Honestino Guimarães ou Universitária (figura 1) foi projetada em 1967 pelos arquitetos Elder Rocha Lima e Valdemar Cordeiro. Sua construção se deu em 1969 pela Prefeitura Municipal de Goiânia. Na inauguração, a praça recebeu o busto de Andreilino Rodrigues de Moraes, antigo Juiz Municipal e prefeito da cidade de Campinas, hoje bairro de Goiânia.



**Figura 1 – A praça Universitária e seu entorno.**

É uma praça histórica tombada pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Goiás, sendo palco de grandes manifestações políticas, eventos estudantis e, ao longo dos anos, diversos shows artístico-culturais.

Oficialmente, a Praça Universitária foi construída para ser um espaço público de lazer e convivência. Ela é considerada por muitos como uma Praça Cultural (Oliveira, 2005). Ao observar o relato de um frequentador da Praça, vê-se que o seu testemunho é coerente com essa assertiva.

“A praça tem um poder cultural, acho que maior que qualquer outro espaço que já foi construído em Goiânia, são pelas suas esculturas e pelas pessoas que transitam e procuram a Praça Universitária, é uma praça de juventude aqui acho que já foi definida e defendida muita coisa, além de estar na sua proximidade às faculdades, os grandes colégios, que tinham os grandes grêmios na época também estavam entorno da praça (COLU, LYCEU,) então todo mundo vinha reunir aqui. Isto traz uma movimentação para a Praça Universitária enorme em termo de área cultural, pois todo mundo que pensava em fazer um projeto de cultura em Goiânia pensava logo na praça, porque era um lugar de fácil acesso para tudo mundo, além de ser central aqui você pega ônibus para qualquer lugar e também qualquer ônibus vem pra cá”.(R. morador do Setor Universitário, 2007).

Todavia, notamos que o processo de ocupação e apropriação desse espaço nos últimos 39 anos vem adquirindo outras funções. A Praça Universitária extrapola a função simplesmente de praça cultural. Exemplo disso é o que ocorreu entre as décadas de 1970 a 1980, período da ditadura militar, em que a Praça Universitária teve uma importante função política. Foi um espaço de referência para organização dos movimentos estudantis, do movimento pela anistia, dos partidos clandestinos (PCB e PC do B entre outros), da dissipação dos movimentos sociais de cunho marxista (CEFEG - Centro Econômico e Filosófico de Goiás), dos movimentos de apoio internacional – Cuba e Nicarágua, entre inúmeras outras manifestações.

Veja um depoimento que corrobora com esta afirmativa:

No final dos anos 1970 com a redemocratização e a retomada do movimento estudantil a Praça também foi - e eu participava também - palco talvez das principais manifestações de Goiânia, porque aqui [além de estar] concentradas as Universidades e o Carlos Chagas<sup>4</sup> era, [também] onde ou concentrava ou partia as manifestações que descia para praça Cívica ou dos Bandeirantes<sup>5</sup>. Mas em geral as maiores manifestações, inclusive as maiores repressões que a polícia fez foram aqui na praça Universitária com prisões, cachorros mordendo os outros . Então foram 79, 1980 e 1981 no processo de redemocratização a praça universitária também teve muito este papel da resistência (V. produtor cultural, 2007).

Além da função política, podemos dizer que a Praça Universitária também cumpre as funções econômicas, educacionais, de um espaço de convivência, esportiva etc. Com esculturas ao ar livre, que fazem parte do Projeto Memória em Praça Pública, a Praça Universitária se constitui um dos maiores Museus de Escultura ao Ar Livre da América Latina. É considerada a única no gênero pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM). E, ainda, constatamos nas entrevistas que a Praça Universitária é um lugar de referência socioespacial e cultural para alguns grupos sociais, por conseguinte, desperta um sentimento de pertença e identidade, como podemos observar no relato de uma antiga moradora da cidade ao recordar os primórdios de sua construção:

“Eu me lembro ainda da praça vermelha, da terra vermelha, de ventania, da praça deserta, e ainda uma esperança de uma coisa muito bonita, muito definitiva que ia ser feita ali. Aquilo ali que nós estávamos vivendo ia ser passado, então tinha era aquela expectativa. E a cidade ainda

---

4 Este colégio é referência no processo de redemocratização porque foi a primeira escola particular de Goiânia que permitiu a formação de um grêmio livre pós-anistia.

5 As duas praças citadas são referência do poder oficial de Goiânia. A primeira, praça Cívica, e onde se encontra o Palácio da Esmeralda, sede oficial do Governo de Goiás e a segunda, praça dos Bandeirantes, só o nome diz tudo.

estava sendo construída, em 1969, por aí. E realmente a praça veio bonita, plantaram aquelas árvores, muitos flamboyants. Eu pegava o ônibus do outro lado da praça, e achava a praça muito grande e ela era ainda deserta, quase não tinha carro, as unidades das faculdades eram poucas, não eram como hoje que esta sobre carregada. Então eu vivenciei essa praça ainda bonita, depois mais pra frente eu me lembro também de uma convivência espontânea. A praça se tornou um centro comunitário de convivência espontâneo, natural. [...] Eu lembro que quando vinham turistas pra Goiânia que ficava lá em casa, parentes, visitas, uns dos lugares que eu gostava de levar era na praça universitária”. (M.C .B, historiadora, 2007).

Podemos, de maneira sintética, mencionar que essa praça, ao longo das três últimas décadas, encerra múltiplas funções, conforme o sentido social que lhe é atribuído. Sempre em movimento e transformação constante, foi em determinados momentos espaço luminoso e, em outros, espaço do medo como nos incidência anuncia um freqüentador assíduo da praça:

“Em 1997/1998 começa esta fase de decadência da praça universitária... É que os caras realmente invadiram e aí nós não sentíamos mais confortáveis de vir pra cá. Muita gente boa se afastou [...] Acho que tudo deve vir do governo e acho que as pessoas lucraram para poder ajudar, e aí foi tendo o descaso muito trafico, muita briga, tenha essa coisa do policiamento que não é adequado. Agente até já chegou defender em reuniões junto com o policiamento que devia ter um posto policial aqui na praça, não para reprimir, mas acompanhando o movimento ou então até para gente ter uma certa segurança”. (R.B, morador do Setor Universitário).

Como se nota, a Praça Universitária serviu de palco para vários movimentos, de morada para alguns desabrigados, de local de trabalho para tantas famílias, de pista de caminhada, de local de estudo. Enfim, abrigou e ainda abriga uma diversidade de funções. Fato que nos permite arguir que como um livro ou uma obra de arte – que depois do lançamento não é mais propriedade exclusiva do autor, pois passa a ser passível de intervenção e interpretações de vários outros agentes, por meio de seus olhares, críticas, usos e até mesmo apropriações –, os espaços públicos, que é caso da Praça Universitária, também sofrem e passam por um processo semelhante.

Planejados oficialmente, com objetivos e interesses políticos, sociais, econômicos e ideológicos específicos (LEFEBVRE, 2001), ao serem concretizados, são ocupados e apropriados pelas pessoas conforme as suas necessidades sociais, espaciais, históricas e culturais, ou seja, espaços urbanos por serem frutos das ações humanas, por isso obra, na maioria das vezes, carregam múltiplos sentidos e múltiplas funções e, por conseguinte, estão sujeitos à (re) significação e (re) utilização.

Entender esse processo é conseguir enxergar que esses espaços, transformados e (re) adaptados conforme as necessidades e interesses de cada período, são mais do que um projeto arquitetônico e/ou

amontoados de tijolos, concretos, *marketing*, fluxos de carros e pedestres. Eles representam e carregam as práticas socioculturais, a história da vida, os modos de produção e a espacialidade de diferentes e diversas épocas que estão cravadas e esculpidas em suas paisagens.

Por isso optamos por analisá-los a partir da paisagem e da representação social. Almeida (2003) explica que o estudo e análise das representações, caso estas estejam coladas ao real, são, pois, um dado sobre ele (o real), isto é, também informam sobre a base material na qual se move determinado grupo social. Nesse sentido, os depoimentos além de darem um tom da multiplicidade territorial que representa a Praça Universitária, mostram que o seu sentido é uma produção social. Esses traços, sentidos, nuances e representações fundamentam a praça enquanto um espaço de múltipla dimensão socioespacial.

Essa diversificação de funções e símbolos que a Praça Universitária representa, na memória social dessas pessoas, nos instigou a realizar uma atividade, na praça, onde pudéssemos descentralizar o conhecimento adquirido e extrapolar os muros das “escolas”. Queríamos compartilhar e vivenciar a Praça Universitária e toda a sua multiplicidade de sentidos e funções. E para isso nada melhor que a execução de um evento na própria praça. Surge, então, a proposta de realização da Trilha Interpretativa. É o que verificaremos no próximo item.

### **Trilhando na Praça Universitária: outros olhares**

As trilhas interpretativas tiveram origem na tradição oral dos programas educativos nos Parques Nacionais dos Estados Unidos, no final da década de 1950. Freeman Tilden – filósofo e dramaturgo estadunidense – foi um dos responsáveis pela sistematização da interpretação ambiental. Segundo ele a interpretação ambiental consiste em “*uma atividade educativa, que se propõe revelar significados e inter-relações por meio do uso de objetos originais, do contato direto com o recurso e dos meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar a informação literal*” (TILDEN *apud* CARVALHO, 2002 p.108).

Desde então as Trilhas Interpretativas fazem parte das práticas pedagógicas formais e informais em escolas, universidades, parques temáticos, ONG’s e outras entidades. E se apresentam como uma alternativa metodológica capaz de promover uma atividade que aproxima as pessoas de uma realidade



invisível em seu cotidiano, uma realidade que não é percebida, sentida e vivida. Como explica Guimarães (2008):

Ao percorrermos uma trilha interpretativa descobrimos relações de coincidências e de complementaridades solidárias entre e com outros grupos humanos: aprendemos a perceber, experienciar e a interpretar realidades da realidade, vivenciar paisagens na paisagem. Estas experiências nos propiciam várias leituras de uma mesma realidade ambiental considerando a análise e a interpretação das diversas dimensões paisagísticas, onde temos ainda a identificação de níveis de percepção ambiental, tanto individuais quanto coletivos, a determinarem a gênese de imagens, representações, atitudes, atributos e valores relacionados à paisagem e aos seus lugares.

Interpretar é elemento essencial nas trilhas interpretativas. A intenção é que, ao trilhar, o sujeito interaja com o ambiente e consiga perceber por meio da paisagem que o lugar está carregado de significados e, por conseguinte, é fruto do processo de construção histórica, social, espacial e cultural das relações e ações humanas.

Nestes termos, as trilhas interpretativas apresentam-se como uma metodologia educacional capaz de estreitar estas relações. Os recursos pedagógicos das trilhas não só viabilizam ações eficientes, como também são fáceis de serem executados. Vale ressaltar que o conhecimento aprofundado do lugar a ser trilhado é fundamental e por isso a realização da Trilha na Praça Universitária foi posterior à execução da pesquisa bibliográfica e de campo. Vamos ao evento.

O cenário: Praça Universitária. A data: 22 de outubro de 2007. Os trilheiros: 32 estudantes das 2ª e 3ª séries do ensino médio e 2 professoras da Escola Estadual Murilo Braga<sup>6</sup>. Os mediadores: 4 estudantes e pesquisadores do IESA e da ONG Cultura, Cidade e Arte. Tempo previsto de duração: 60 minutos. O roteiro: uma trilha circular organizada em cinco estações de parada<sup>7</sup>.

Ao iniciarmos o evento, nós, mediadores, fizemos uma breve exposição do que significava a Trilha Interpretativa e qual o objetivo com aquele trabalho. Após a exposição perguntamos aos trilheiros o que a Praça Universitária representava para eles - a intenção era perceber qual o grau de conhecimento e /ou pertencimento deles com a praça - isto porque, como anteriormente citado no presente artigo, a pesquisa bibliográfica e as entrevistas nos revelaram, até então, uma Praça

---

<sup>6</sup> Esta escola está localizada no Setor Vila Nova, que fica nas imediações da Praça Universitária.

<sup>7</sup> As estações de parada devem ser escolhidas criteriosamente, levando-se em consideração os vários aspectos da paisagem, suas variações e particularidades, para que atividade possa ser capaz de aproximar ao máximo os sujeitos ao lugar.

Universitária com um grande valor histórico e sociocultural para a população goianiense. Ousamos pensar que a Praça Universitária poderia ser considerada como um “pulmão” para a cidade de Goiânia.

As respostas nos surpreenderam. Para 20% deles a praça significava lazer; para 15% conhecimento e patrimônio cultural; para 15% tranqüilidade, natureza, ou, conforme palavras de Djavan, “um bom lugar pra ler um livro”; mas, para 50% - a metade - a praça não representava “nada”, era apenas uma praça como tantas outras. Mais um olhar se revela sobre a Praça Universitária. A praça, como um espaço vazio, um lugar invisível, pelo menos no mapa mental desses jovens.

Esta constatação nos remete a duas hipóteses. A primeira é entender que a multiplicidade de signos e símbolos que permeiam as paisagens das grandes cidades, representados por praças, monumentos públicos, ruas, arquitetura, dentre outros, ou são ignorados ou passam despercebidos diante dos olhos de grande parte das pessoas que transitam por eles cotidianamente. Pode-se dizer que este fato ocorre em função da vida acelerada e atribulada inerente aos moradores das metrópoles. Sobre este assunto Bauman (2006) diz:

Esa ciudad<sup>8</sup>, al igual que otras, tiene muchos habitantes, y cada uno de ellos tiene su propio mapa de la ciudad en la cabeza. Los mapas que guían los movimientos de las diversas categorías de habitantes no se superponen, pero para que un mapa “tenga sentido”, algunas áreas de ciudad deben ser descartadas, ser carentes de sentido y – en lo que al significado se refiere – ser poco prometedoras. Recortar esos lugares permite que los demás brillen estén colmados de sentido.[...] El vacío del lugar está en el ojo de quién lo contempla y en las piernas del habitante o en las ruedas de su auto. Son vacíos los lugares en los que no encontramos y en los que nos sentiríamos perdidos y vulnerables, sorprendidos, alarmados y un poco asustados ante la vista de otros seres humanos. (BAUMAN, 2006 p.113).

A segunda é sobre a mudança de valores e significados que os espaços públicos e/ou históricos estão sofrendo na sociedade capitalista. O que outrora representava apenas memória viva e de vida, hoje, são utilizados como produtos mercadológicos, dentro da lógica de mercado que minimiza os sentidos dos lugares, resumindo-os a simples produtos ou imagens para o consumo. Essa lógica empobrece o sentido integral do que representa a Praça Universitária.

De volta a trilha. Continuamos, todos os envolvidos, trilhando, desnudando a Praça Universitária e desvendando sua paisagem. Cantamos, dançamos e fomos porta-vozes de diversas e diferentes histórias (oficiais e reais), territorialidades e instituições que a compõem. Vivenciamos a

---

<sup>8</sup> A autora se refere a uma cidade populosa do Sul da Europa e que tem características das metrópoles, como é o caso de Goiânia.

imaterialidade na materialidade. Sabíamos que naquele espaço-tempo estávamos sendo produto e (re) produtor social e que novos olhares sobre a Praça Universitária nos foram revelados.

Ao final da trilha, ao realizarmos uma dinâmica para avaliar o grau de sua eficiência - já que o objetivo era descentralizar o conhecimento e despertar o olhar desses jovens para as histórias sociais, culturais e espaciais da Praça Universitária - tivemos um resultado positivo, pois nenhum deles citou a Praça como um “nada”.

### **A guisa da conclusão**

Este estudo nos proporcionou entender que as leituras dos espaços urbanos não podem ser feitas de maneira fragmentada ou parcial. Um olhar integrado que possa conectar o material e o imaterial é imprescindível para que se entenda a dinâmica socioespacial, pois ele nos oferece elementos para uma análise mais próxima das realidades existentes no cotidiano.

Os espaços públicos, como é o caso da Praça Universitária, são fruto das relações humanas, que, por conseguinte, espelham as suas histórias de vida na espacialidade. Portanto, está em movimento constante. Por isso, existe um processo dialético entre o espaço e as vivências (ações sociais). A praça possui múltiplas funções conforme o sentido social que se lhe atribui. Acima de tudo, a praça é uma construção social, por isso é histórica. Num período foi palco de lutas sociais, noutros, espaço de convivência. Portanto, a Praça, além de histórica, é espacial – daí, dizer-se socioespacial.

O tempo rápido – que captura o território – também captura a praça. Se no processo de transformação do território goiano (década de 1970) e de intensas manifestações políticas a Praça era pausa/agito, um ponto de parada/encontro e de manifestações diversas, mais adiante, na década de 1990, ela começa a entrar num processo de “anestesia”. Assim, também foi um espaço marginal, se manifestando como expressão da luta de classe.

Como se nota, a Praça Universitária é um lugar múltiplo espacial. Podemos mencionar que o mundo se manifesta ali. Se noutro período as manifestações trouxeram novos sentidos para a praça, hoje novos usos e não-usos também o fazem. Como os depoimentos e a vivência da Trilha Interpretativa acima evidenciam, para alguns sujeitos sociais a Praça se confunde com suas próprias histórias de vida, para outros ela nada significa. Pode-se afirmar que ela possui uma múltipla dimensão

socioespacial e cumpre uma função na dinâmica da cidade, atravessando múltiplos territórios, rastreando outros olhares.

A Praça Universitária é um lugar múltiplo. Podemos mencionar que o mundo se manifesta ali. Se noutra período as manifestações trouxeram novos sentidos para a praça, hoje novos usos e não-usos também o fazem.

Como os depoimentos e a vivência da Trilha Interpretativa evidenciaram, uma vez que para alguns sujeitos sociais a Praça se confunde com suas próprias histórias de vida, para outros ela nada significa. Pode-se afirmar que ela possui uma múltipla dimensão socioespacial e cumpre uma função na dinâmica da cidade, atravessando múltiplos territórios, rastreando outros olhares.

### **Bibliografia consultada**

- ALMEIDA, Maria Geralda. **Em busca do poético: um estudo de representações**. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTS, Alessandro JP (Org), *Geografia: leituras Culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003, pp.71-88.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Buenos Aires: FCE, 1996.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.
- CLAVAL. Paul. **Campo e Perspectivas da Geografia Cultural**. In. **Geografia Cultural: Um século** (3). ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2002, pp. 133-187.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GERARDI, Lúcia de Oliveira; HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Imagens da Geografia Contemporânea: Modernidade, Caos e Integração dos saberes**. In: GERARDI, Lúcia de Oliveira; MENDES, Iandara Alves (Org), *Teoria, técnica, espaços e atividades: temas de Geografia contemporânea*. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia Teórica, 2001, pp. 7-20.
- GUIMARÃES, Solange Teixeira de Lima. **Trilhas interpretativas e vivências na natureza: reconhecendo e reencontrando nossos elos com a paisagem**. In: [www.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/Solange\\_Guimaraes01.pdf](http://www.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/Solange_Guimaraes01.pdf). Acesso em 10/11/2007.

- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1998.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Faria. São Paulo: Centauro, 2001.
- MASSEY, D. Um sentido Global do Lugar. In: Arantes, A. (org). **O espaço da diferença**. São Paulo: Papyrus, 2000, pp.273-305.
- MOREIRA, Ruy. **Assim se passaram dez anos: (A Renovação da Geografia no Brasil no Período 1978-1988)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, GEOgraphia, Ano II, Nº 3, 2000. In: [www.uff.br/geographia/rev\\_03/ruymoreira.pdf](http://www.uff.br/geographia/rev_03/ruymoreira.pdf) Acesso em: 24, mar de 2007.
- OLIVEIRA, Maria das Mercêdes Brandão. **O padrão territorial de Goiânia: um olhar sobre o processo de formação de sua estrutura urbana**. Goiânia, Arqutextos 065, 2005. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp335.asp>>. Acesso em: 20, set de 2007.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.